

AMANDA DIAS*

HABITAR UM CAMPO DE REFUGIADOS PALESTINOS.

O CASO DE BEDDAWI, NORTE DO LÍBANO

Resumo: *As dicotomias “provisório vs. permanente”, “campo de refugiados vs. cidade”, “resistência política vs. necessidade de um cotidiano minimamente confortável” fazem parte da condição dos refugiados palestinos no Líbano. Em outras palavras, esses campos não podem ser compreendidos nem como simples espaços empobrecidos da cidade, nem como ilhas de palestinidade, isoladas da sociedade e descoladas do mundo urbano. Veremos aqui, através de uma análise do habitar no campo de refugiados de Beddawi, situado no norte do Líbano, como os registros do ativismo político e da convivialidade urbana coexistem.*

Palavras-chave: *habitar, campos de refugiados palestinos, causa nacional palestina, intelectuais das margens, espaços em margens.*

* Pesquisadora associada ao Instituto interdisciplinar de antropologia do contemporâneo, Paris (IIAC-LAU/CNRS-EHESS) e do Centro de pesquisas do Brasil contemporâneo, Paris (CRBC/ Mondes Américains-EHESS). Doutorado de Sociologia –Cotutela Internacional, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – EHESS, Paris e Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

As dicotomias “provisório vs. permanente”, “campo de refugiados vs. cidade”, “resistência política vs. necessidade de um cotidiano minimamente confortável” fazem parte da condição dos refugiados palestinos no Líbano. Em outras palavras, esses campos não podem ser compreendidos nem como simples espaços empobrecidos da cidade, nem como ilhas de palestinidade, isoladas da sociedade e descoladas do mundo urbano. Veremos aqui, através de uma análise do habitar no campo de refugiados de Beddawi, situado no norte do Líbano, como os registros do ativismo político e da convivialidade urbana coexistem. Assim, o campo de refugiados pode reforçar sentimentos de palestinidade baseados na lembrança da Palestina pré-êxodo e ao mesmo tempo possibilitar um processo de identificação que se ancora no tempo e no espaço presentes.

Este artigo visa expandir a compreensão do habitar nos campos de refugiados palestinos, habitar cuja complexidade é marcada por aparentes contradições, inerentes a uma situação “provisória” que se estende sobre várias gerações. Para tanto, examinaremos a evolução do campo de refugiados de Beddawi, não apenas de um ponto de vista urbano, mas também em relação à sua transformação de “lugar indesejável” em “lar”, no sentido mais amplo do termo. Traduzimos como “lar” a noção francesa de “*chez soi*”, que empregamos aqui em uma concepção ampla, conforme a proposição de Nicolas Puig em seu estudo sobre as práticas musicais dos palestinos no Líbano: “a noção não concerne unicamente a habitação, mas integra o sentimento resultante das propriedades de elementos diversos que fazem com que nos encontremos em território de familiaridade, seja na esfera doméstica ou em outras” (PUIG, 2008).

Adotaremos uma abordagem etnográfica, privilegiando a experiência dos intelectuais do campo.¹ Se o simbolismo político do campo de refugiados palestinos resiste ao passar do tempo, deve-se em grande parte ao esforço dos artistas e militantes que defino como “intelectuais das margens”.² De maneira autônoma em relação às organizações políticas presentes no campo, os intelectuais de Beddawi exercem um triplo papel de : reflexão sobre sua condição de refugiados; esforço de construção de uma nova realidade a partir dessa reflexão; e mediação entre os refugiados e as so-

¹ Para uma análise sobre os intelectuais do campo de Beddawi, notadamente seus artistas plásticos, ver DIAS, 2007a e DIAS, 2007b.

² Nossa compreensão dos intelectuais das margens é influenciada pelo trabalho do teórico italiano Antonio Gramsci, que privilegia os laços orgânicos estabelecidos pelo intelectual com seu grupo à uma concepção individualista da intelectualidade. Dois aspectos do trabalho de Gramsci nos interessam particularmente: a atenção dada ao que ele chama de “elemento ideológico” e o alargamento da categoria de “intelectual”. Ver DIAS, 2009.

idades libanesa e internacional. Seu engajamento ideológico faz com que eles expressem, de forma mais explícita que os outros habitantes, a ambivalência e as contradições que emanam da sua condição de refugiados nascidos e criados no interior do campo.

O tema dos “intelectuais das margens” nasceu a partir da pesquisa de campo, através da observação da dinâmica das relações desses atores com os demais moradores de Beddawi e diversas instituições presentes no campo (organizações e associações locais e internacionais, assim como as organizações político-militares palestinas). Da mesma forma, foi o trabalho etnográfico, realizado durante diversas estadias no campo de refugiados, que indicou a relevância da temática do “habitar” para a compreensão da condição do “ser refugiado palestino no Líbano”.³

A (TRANS)FORMAÇÃO DO CAMPO DE BEDDAWI

O campo de Beddawi foi estabelecido pela UNRWA em 1955, seis anos após a criação do campo de refugiados vizinho de *Nahr al-Bared*.⁴ Ele foi erigido depois que uma cheia do rio *Nahr Abu Ali* inundou a cidade de Trípoli, destruindo o *Khan al-Askar*,⁵ uma antiga fortaleza onde os Palestinos que chegaram em 1948 haviam se instalado (BSEISO, 1989). Como explica Mohamed Kamel Doraï, até a metade dos anos 1960 “os refugiados se deslocaram, sob coerção ou voluntariamente, entre diferentes campos, e das cidades e vilarejos libaneses para os campos. Esses espaços se constituíram, assim, em aproximadamente vinte anos, para atingir em seguida uma morfologia que, nos seus grandes traços, perdura até os dias de hoje” (2006, p.56).

O exame cuidadoso da formação de Beddawi mostra que, ao longo dos anos, os campos continuaram a se desenvolver. De fato, não é porque os campos de refugiados possuem uma data oficial de criação que devem ser apreendidos como estruturas fixas no tempo. Como veremos, Beddawi

³ Os trabalhos de campo em Beddawi foram realizados no contexto de um mestrado (DEA) realizado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), Paris, e de um doutorado realizado na mesma instituição, em sistema de cotutela internacional com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este artigo é uma versão reduzida e modificada de um dos capítulos da minha tese de doutorado, « Du moukhayyam à la favela. Une étude comparative entre un camp de réfugiés palestiniens au Liban et une favela carioca ». A tese desenvolve um estudo comparativo entre o campo de refugiados palestinos de Beddawi e a favela de Acari, situada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Para tanto, ela adota uma tripla perspectiva: a do Perceber, a do Habitar e a do Agir. Os trabalhos de campo para a tese, conduzidos no campo de Beddawi e na favela de Acari entre 2004 e 2008, foram financiados pela EHESS e pelo Institut Français du Proche Orient (IFPO).

⁴ O campo de Nahr al-Bared foi criado pela Liga das Sociedades da Cruz-Vermelha em 1949 para habitar os refugiados originários da região do Lago Huleh situado ao norte da Palestina. A UNRWA começou a oferecer seus serviços aos refugiados em 1950. Fonte : www.unrwa.org (Consultado em 8/9/2009).

⁵ Essa fortaleza havia sido utilizada como estábulo durante o período otomano.

se compõe por diversas localidades, que foram ocupadas por diferentes levas de refugiados. Resulta que, nesse campo, a compreensão do espaço deve levar em conta sua formação por adições de unidades mais restritas.

A UNRWA propõe, para fins administrativos, uma divisão do campo de Beddawi em quatro setores: A, B, C e D. Retomaremos essa divisão, uma vez que ela nos permite abordar o desenvolvimento do campo em função das diferentes levas de refugiados.⁶ O primeiro setor construído em Beddawi foi o que a UNRWA chama de setor C, conhecido pelos habitantes do campo como *al-cam al-tahtānī*⁷ ou “o campo de baixo”. A maior parte de seus habitantes foi transferida da fortaleza desmoronada *Khan al-‘Askar*. Eles são originários das seguintes cidades e vilarejos palestinos: *Kaza Ḥaifā*, *Kaza Iāfā*, *Ṣafūrī*, *Kaza Ṣafad* e *al-Būzīa*. Atualmente, essa parte do campo reagrupa 30% da população de Beddawi.

A segunda leva de refugiados chegou a Beddawi em 1958 e se instalou no setor A, conhecido pelo nome de *al-cam al-fūqānī* ou “o campo de cima”. Eles foram transferidos do campo de Wavel. O frio e as pequenas dimensões do campo de Wavel (situado em Baalbek, no vale da Bekaa) são frequentemente evocados para explicar esse deslocamento. Segundo funcionários da UNRWA no campo de Beddawi, certos habitantes dessa parte do campo teriam sido levados ali pela Agência onusiana em 1956, devido a desentendimentos com armênios.⁸ Nos dias de hoje, essa parte do campo acolhe 30% dos habitantes de Beddawi. Seus habitantes são, na maioria, originários das seguintes cidades e vilarejos palestinos: *Ṣafad*, *Najaf*, *Ṣafūrī*, *Iāfā*, *Ḥaifā ‘Arab* – beduínos, *al-Ghabusīa*, *al-Jish*, *al-Ṣaṣṣaf* e *Shafā ‘Amr*.

Samir, pintor do campo de Beddawi, habita em uma rua do “campo de cima”, onde praticamente todos os habitantes são originários da mesma cidade que sua família, *Shafā ‘Amr*. Vejamos como Samir explica esse forte reagrupamento, excepcional no campo de Beddawi:

⁶ As informações que concernem a população dos diferentes setores do campo de Beddawi devem muito a uma pesquisa conduzida por Maysoun Mustafa, jovem funcionária da UNRWA no campo. Nascida e crescida em Beddawi, Maysoun Mustafa realizou numerosas entrevistas com os habitantes dos diferentes setores do campo, tendo a gentileza de compartilhar os resultados de sua pesquisa comigo. Gostaria aqui de agradecê-la.

⁷ Notemos que a palavra « cam » não existe em árabe. Trata-se de uma derivação da palavra « camp » em inglês. O uso dessa palavra deve-se ao fato de que, na época, os palestinos eram principalmente anglófonos. Muito provavelmente, o uso da palavra « cam » denota igualmente uma influência da linguagem humanitária da ONU e da Cruz-Vermelha. A palavra árabe para dizer « campo » é « moukhayyam ». Enquanto as gerações mais antigas continuam a se referir ao campo como « cam », as gerações mais jovens usam sobretudo o termo « moukhayyam ».

⁸ Infelizmente, meus interlocutores foram evasivos, incapazes de fornecer mais elementos sobre esses “desentendimentos”. Essa imprecisão revela a dificuldade da reconstrução da história oral de territórios que, além de informais, não foram concebidos para perdurar.

Esse é um problema recorrente na reconstrução que nos ajudariam para a reconstrução da história

Lúbia é um vilarejo na Palestina e [no campo de *Wavel*] as pessoas de *Lúbia* e de *Shafā 'Amr* tiveram um problema... uma família de *Lúbia* e uma família de *Shafā 'Amr* tiveram um problema e brigaram. Ninguém morreu, mas teve muito sangue, então todas as pessoas desse campo em Baalbek [*Wavel*] foram pedir ao povo de *Shafā 'Amr* para ir viver em um novo campo no norte. Era o novo campo porque o primeiro foi *Nahr el-Bared*. Então, eles entraram num acordo e as pessoas de *Shafā 'Amr* vieram viver juntas no campo.⁹

Eu havia questionado Samir sobre as razões que levaram ao reagrupamento das pessoas originárias da sua cidadezinha em uma mesma rua. Samir havia começado a responder a pouco quando Nizar, outro artista do campo que também participava da entrevista, o interrompeu. Segundo Nizar, Samir estava prestes a contar outra coisa, mas ele o teria convencido de dizer “a verdade”. A recusa inicial de Samir em narrar essa história reflete uma postura a qual fui confrontada diversas vezes no campo: os palestinos de Beddawi evitam passar para os estrangeiros uma impressão de divisão. Tendo absorvido o discurso da Palestina como uma nação unificada, eles sentem que suas divisões internas constituem uma fraqueza que prejudica a causa nacional. Assim, os refugiados de Beddawi procuram, na medida do possível, passar uma visão dos palestinos como um povo homogêneo, unido em torno de uma mesma luta. Podemos imaginar, igualmente, que a recusa de Samir repousa em bases identitárias anteriores ao exílio: possivelmente ele ressentido que essa história desonra o povo de *Shafā 'Amr*. Tendo se tornado um problema de “todo o povo de *Shafā 'Amr*”, para utilizar uma expressão do artista, esse diferendo os teria levado a partir juntos para outro campo de refugiados. Aqui, fica claro que, nos primeiros anos do êxodo, os palestinos procedentes dos meios rurais permaneceram fortemente organizados em torno da unidade do vilarejo (DORAÏ, 2006).

A sequência da narrativa de Samir nos informa sobre a divisão do campo de refugiados em “campo de cima” e “campo de baixo”. Essa divisão resulta dos aspectos topográficos do campo de Beddawi, construído sobre um terreno levemente montanhoso:

Então, eles vieram e o campo não era como agora. [...] Tem o campo de cima e o campo de baixo. O campo de cima foi construído primeiro e as pessoas dali vieram das cidades, na maioria. Depois, eles construíram essa parte. Primeiro, eles construíram a casa do pai do meu avô. Depois meu avô pegou esse terreno e construiu sua casa, porque quando ele veio, ele tinha uma esposa, ele se casou em 1948. Havia árvores entre o campo de

⁹ Entrevista com Samir, campo de Beddawi, abril de 2007.

cima e o campo de baixo, e à noite era perigoso passar por ali. Uma vez minha mãe estava muito doente e meu avô estava muito nervoso porque ela não parava de chorar. Ela chorava e chorava, e não havia médicos no campo. Então, para ela se calar, meu avô ameaçou deixá-la no meio das árvores entre o campo de cima e o campo de baixo.¹⁰

A terceira leva de refugiados que chegou a Beddawi se estabeleceu no setor B do campo. Trata-se de palestinos que haviam se instalado anteriormente no bairro portuário de *Al-Mina*, ou ainda em um trem abandonado em Trípoli, onde os mais pobres haviam encontrado refúgio quando da sua chegada no Líbano. Esse setor reúne 20% da população do campo. Seus habitantes são originários das seguintes cidades e vilarejos: *Şafad*, *Suĥmāta*, *al-Birūā*, *Ĥaifā*, *al-Şufşāf*, *al-Būzīa*, *Jāĥūla*, *al-Anā'mia*. Os três últimos vilarejos se situam na proximidade da fronteira libanesa, de modo que certos palestinos originários dali obtiveram a nacionalidade libanesa.

O último setor ocupado em Beddawi foi o setor D, construído a partir de 1982. Sua população se compõe de palestinos originários de outros campos de refugiados, destruídos durante a guerra civil. São os sobreviventes dos antigos campos de *Tel al-Zaatar* (cena de um massacre em 1976) e *Nabatieh* (destruído entre 1982 e 1991), do massacre de *Sabra e Shatila* (1982) ou ainda deslocados do campo de *Burj Shemali* e da cidade libanesa *al-Damour* (ambos duramente afetados durante os anos de guerra). Esse setor reúne 20% da população de Beddawi. Ele se compõe por três espaços: as terras compradas pela Organização pela Liberação da Palestina (OLP), onde a organização construiu casas “temporárias” com telhados de zinco; refúgios “provisórios” construídos pela UNRWA à proximidade do “campo de baixo” (ao longo do tempo, a Agência onusiana os reabilitou); e o prédio *Abū Naim*, construído pela OLP no lado exterior da artéria principal do campo. Esses terrenos ultrapassam o espaço originariamente previsto para o campo de refugiados. Assim, o setor D não é representado no mapa exposto na parede do escritório da UNRWA em Beddawi.

Desde sua formação nos anos cinquenta até meados dos anos oitenta, o campo de Beddawi continuou, dessa forma, a crescer. Atualmente, ele parece ter atingido os limites de sua expansão geográfica. Nizar nos fala da circunscrição do campo de refugiados, descrevendo cada um de seus limites:

Na extremidade sul, tem uma região onde os libaneses colocaram postes elétricos. No dia que alguém se mudar para lá, eles colocarão os fios elétricos. Então, talvez daqui a cinco anos, essa região estará cheia de prédios. Para os lados do sudoeste, é uma região libanesa de classe

¹⁰ Entrevista com Samir, *ibid.*

média. A Universidade do Norte do Líbano fica ali. [...] Na extremidade oeste de Beddawi, há uma região com libaneses pobres, depois tem uma estrada, depois não tem nada, depois tem as montanhas, *Jabal Mohsin*. Esse libaneses pobres são os *alawiyyeen*, uma categoria de muçulmanos. Eles são pobres, por assim dizer, mas eles têm grandes prédios. Talvez eles tenham sido pobres um dia, mas não é mais o caso. [...] Na parte onde não tem nada, um dia, eles vão fazer prédios, como em *Qobiah*, uma cidade perto do campo. [...] Ao lado do campo, tem também os *mankoubin*, libaneses deslocados durante a guerra. Tem uma escola que foi construída pelo Karami. É como o campo. Os motoristas de táxi de Beddawi vem tanto dos *mankoubin* como do campo, então nós os conhecemos porque pegamos seus táxis, mas não somos amigos [...] Na extremidade norte do campo, tem a rodovia. [...] Do lado leste, tem o campo, depois tem os prédios, depois as montanhas.¹¹

Por estarmos lidando com um espaço onde predominam construções informais, privilegiamos aqui a narrativa dos nossos interlocutores em relação às fontes oficiais. De fato, delimitar o campo com exatidão não é uma tarefa simples. Oficialmente, o campo de Beddawi não ultrapassa a extensão do terreno alugado pela UNRWA aos proprietários locais, em 1955.¹² Desde então, o campo cresceu, ultrapassando seus limites originais. Em Beddawi, uma grande rua marcada por numerosos comércios delimita a extensão oficial do campo. Para além dessa rua, encontramos as mesmas habitações precárias que no seu interior. A grande maioria dessas habitações também abriga refugiados palestinos. Como veremos, trata-se de um espaço liminar, que não se situa nem no interior propriamente dito do campo, nem no seu exterior.

Como a narrativa de Nizar ilustra, o que os habitantes percebem como sendo o campo de refugiados de Beddawi constitui, nos dias de hoje, um espaço circunscrito, delimitado por barreiras naturais e arquiteturais. Beddawi se caracteriza, assim, como um espaço fisicamente isolado, que não pode “se desfazer na cidade”. Além das fronteiras que o impedem de se estender geograficamente, o campo se encontra afastado do centro da grande cidade à qual ele se refere, Trípoli. Situado a 5km do centro de Trípoli, Beddawi não pode se tornar parte integrante do seu tecido urbano, à diferença dos campos de Beirute, ou ainda do campo de *El-Buss*, cada vez mais integrado à Tiro (DORAÏ, 2006a e 2006b).¹³

¹¹ Entrevista com Nizar, Beirute, fevereiro de 2005.

¹² A maioria dos campos de refugiados palestinos foram estabelecidos pela UNRWA sobre terrenos alugados dos proprietários locais, com o consentimento dos países de acolhimento. Os refugiados não possuem as terras sobre as quais seus abrigos foram construídos. Eles tem o direito de utilizá-las para fins comerciais.

¹³ Para um estudo sobre a organização espacial desse campo, ver DORAÏ, 2006a e 2006b.

Afirmar que o campo se encontra na impossibilidade de se estender geograficamente não significa que sua população estagnou do ponto de vista demográfico. A porosidade dos limites do campo transparece também na imprecisão dos dados a respeito de sua população. Beddawi possui mais de 16.500 refugiados de origem palestina registrados junto à UNRWA¹⁴.¹⁴ Devemos acrescentar, a esse número, cerca de 400 pessoas de origem palestina vivendo no campo sem registro. O campo também conta com aproximadamente 1.500 pessoas de outras nacionalidades¹⁵ - libaneses, curdos e sírios... que, motivados por razões econômicas, se instalam no campo.¹⁶

Ao crescimento natural da população de Beddawi – três gerações de refugiados nasceram no campo – somam-se os recém chegados, mesmo que nos dias de hoje eles sejam consideravelmente menos numerosos do que no passado. Em abril de 2008, o diretor da UNRWA no campo menciona os refugiados palestinos fugindo da guerra no Iraque haviam chegado recentemente em Beddawi. Como ele afirma, novas populações desembarcam no campo “depois de todo incidente que acontece na região e que concerne os palestinos”.¹⁷ Drástica, uma grande expansão demográfica do campo corresponde à destruição do campo vizinho de *Nahr el-Bared* que, em 2007, foi o centro dos combates entre os militantes do grupo islamista Fatah al-Islam e o exército libanês. Os combates começaram no dia 20 de maio e duraram até o 2 de setembro. Devido ao conflito, praticamente toda a população de *Nahr el-Bared* fugiu.¹⁸ Segundo estatísticas oficiais da UNRWA, no dia 7 de outubro de 2007 o campo de Beddawi acolhia 13.775 refugiados do campo vizinho. Ou seja, no espaço de poucos meses, sua população havia praticamente dobrado.¹⁹ Em meados de 2009, aproximadamente 10.000 pessoas deslocadas ainda viviam em habitações alugadas no campo de Beddawi e arredores, assim como nas áreas adjacentes e arredores do campo de *Nahr el-Bared*.²⁰ Enfim, no decorrer do

¹⁴ Fonte: www.unrwa.org (consultado em 18/02/2013).

¹⁵ A UNRWA coleta apenas as estatísticas que concernem os refugiados registrados na Agência. As estatísticas sobre os refugiados que não são registrados e os habitantes de outras nacionalidades são dados estimativos obtidos junto à clínica de saúde do campo.

¹⁶ Essas famílias convivem com os refugiados palestinos. Como explica o diretor da UNRWA no campo : « Eles são uma minoria, então eles não criam problemas ». Dessa coabitação resultam alguns casamentos. Para um estudo sobre os casamentos libano-palestinos no Líbano, ver MEIER, 2008.

¹⁷ Entrevista com o diretor da UNRWA no campo de Beddawi, abril de 2008.

¹⁸ O campo de Nahr el-Bared abrigava 31.023 refugiados registrados na UNRWA em dezembro de 2003. De acordo com os dados da Agência, no dia 7 de agosto de 2007 31.441 pessoas haviam sido deslocadas desde o começo das confrontações. A maior parte das pessoas deslocadas encontrou refúgio no campo vizinho, Beddawi.

¹⁹ Fonte: www.unrwa.org (consultado em 18/02/2013).

²⁰ UNRWA, Brief update on Nahr El-Bared Camp, 29/02/2008 (documento interno). Não se sabe quantos deslocados do campo de Nahr el-Bared continuam em Beddawi.

ano de 2012, em torno de 700 famílias palestinas do campo de *Yarmouk*,²¹ situado no centro da cidade de Damasco, na Síria, buscaram abrigo nos campos de *Nahr el-Bared* e *Beddawi*. A maior parte dos 4.000 residentes de *Yarmouk* que procuraram se estabelecer nos dois campos do norte do Líbano privilegiaram *Beddawi*, em razão das restrições em relação à entrada das pessoas no campo de *Nahr el-Bared*, cujo acesso permanece limitado.²²

A impossibilidade de expansão geográfica e o aumento populacional fazem com que encontremos em *Beddawi* a tendência de verticalização do espaço. A esse respeito, *Burhân*, artista plástico do campo, constata: “O campo se desenvolve, então, devemos fazer as coisas verticalmente, e não horizontalmente, porque a superfície do campo é de talvez um quilômetro quadrado. Então, para onde vão as pessoas? Na direção de Deus!”.²³ A brincadeira do pintor indica que, no campo de *Beddawi*, a verticalização é a melhor maneira de se ganhar espaço. De fato, uma estratégia de habitação frequentemente adotada pelos jovens casais do campo consiste em construir um andar sobre a casa de seus pais. Quando completou trinta anos, *Nizar*, por exemplo, começou a construir seu apartamento em cima do apartamento de seu irmão, que, por sua vez, construiu sobre o telhado de seu pai. No momento em que começou as obras, *Nizar* ainda não tinha uma noiva. No entanto, ele já previa a casa de sua futura família. Segundo os costumes locais, o jovem que deseja se casar deve primeiro adquirir uma moradia e dispor de recursos financeiros suficientes para prover as necessidades de sua futura esposa e filhos. O drama dos jovens palestinos dos campos repousa na sua dificuldade em ter acesso ao mercado de trabalho, devido às restrições impostas pela lei libanesa. Construir uma casa acima do telhado de seus pais representa, economicamente, a solução mais viável (no caso em que isso não é possível, o jovem casal irá então habitar junto à família do noivo).

A estratégia de construção por elevações sucessivas confere ao campo um aspecto inacabado: prevendo o crescimento de suas casas, os habitantes não terminam a construção dos telhados, deixando as vigas aparentes. Se essas construções têm como origem restrições de ordem econômica e geográfica, a verticalização do espaço produz o efeito de mudar as relações interindividuais e até mesmo a concepção dos lugares. Assim, *Nizar* evoca considerações de ordem afetiva para explicar sua escolha de construir acima das casas de seu pai e de seu irmão: “Quando minha mulher vier morar acima de nossa família, no mesmo prédio onde está a minha família, meu

²¹ Campo de refugiados não-oficial. Os ditos campos “não-oficiais” foram estabelecidos ao longo dos anos pelos governos dos diferentes países de acolhimento, com o intuito de fornecer acomodação aos refugiados palestinos.

²² Fonte : Antoine Amrieh, « Northern Camps poorly equipped for more refugees », *The Daily Star*, 22/12/2012.

²³ Entrevista com *Burhân*, campo de *Beddawi*, abril de 2007.

pai, a família do meu irmão... será bom para ela. Tudo estará ali, tudo o que ela precisar estará ali, todo mundo estará lá, em torno dela”.²⁴ Dessa forma, a proximidade das relações criada pela verticalização do espaço reforça os laços familiares, assim como o controle social no interior do campo de refugiados.

O campo como fonte de identificações

Concebido como um espaço provisório pelos refugiados e pelas sociedades de acolhimento, o campo se pereniza. Desde a criação do campo de Beddawi, os refugiados vêem essa perenização com maus olhos, uma vez que ela prenuncia a inscrição de seu exílio no longo termo. Como relata Maysoun, jovem funcionária do escritório da UNRWA em Beddawi, nascida e crescida no campo:

O campo foi construído em 1953, mas as pessoas se recusavam a se instalar aqui, porque para eles a instalação em Beddawi fazia parte do Plano Americano. Em *Nahr al-Bared*, os refugiados queimaram suas barracas em sinal de protesto contra o Plano Americano. Foi somente depois da inundação do rio *Abū Ali*, em 1955, que as pessoas vieram para Beddawi.²⁵

De acordo com Maysoun, Beddawi teria sido criado em 1953, ou seja, dois anos antes da sua data oficial de criação. A instalação dos campos adicionais foi vista com suspeita pelos refugiados palestinos, que percebiam nela um complô da superpotência ocidental - complô que Maysoun designa como “Plano Americano”.²⁶ Muito cedo, os refugiados compreenderam que sua instalação definitiva no país de acolhimento equivaleria à anulação de seu retorno à Palestina. Eles afastavam, assim, tudo aquilo que pudesse significar o prolongamento de seu exílio. Essa reação à criação de um novo campo ganha sentido também em relação à humilhação que os campos de refugiados representavam.²⁷ Se por um lado os refugiados temiam que seu retorno à Palestina se distanciasse indefinidamente e ressentiam sua

²⁴ Entrevista com Nizar, campo de Beddawi, abril de 2007.

²⁵ Entrevista com Maysoun, campo de Beddawi, abril de 2008.

²⁶ As teorias do complô são recorrentes no Oriente Médio, ao ponto que Daniel Pipes afirma que não se pode compreender essa parte do mundo sem leva-as em consideração. A maior parte das teorias conspiratórias que circulam no Oriente Médio gravitam em torno de três eixos: o conflito Israel-Palestina, as políticas israelenses e os conflitos do Iraque com o resto do mundo (Pipes, 1996).

²⁷ Como nota Jihane Sfeir, a humilhação do exílio era dupla na medida em que à ela se somava a dependência em relação aos programas de ajuda humanitária. « Assim, a ajuda internacional é associada muito cedo à nakba na lembrança dos refugiados. A Cruz-Vermelha e depois a UNRWA são elementos motores dessa memória coletiva ». A instalação dos campos fazia, dessa forma, parte da lembrança humilhante que “encarna a memória dolorida da dependência em relação à assistência internacional, outro símbolo da nakba ». (SFEIR, 2008, p. 29). Tradução nossa.

instalação nos campos como uma humilhação a mais, por outro lado, eles sentiam a necessidade de ter um cotidiano minimamente confortável. Isso está explícito na narrativa de um antigo morador de Beddawi:

Um dia, meus amigos me disseram que a UNRWA estava construindo um campo de refugiados, Beddawi, e que talvez haveria lugar para nós naquele novo local. No começo, eu recusei, porque para mim isso significava deixar definitivamente a Palestina e nunca mais voltar. Mas depois de um certo tempo, e porque muitas pessoas haviam se instalado ali, eu também decidi partir. Nossa casa em *Nahr al-Bared* estava muito pequena para toda a família, e a situação era pesada [...] Assim, o campo de Beddawi se tornou minha cidadezinha.²⁸

Nessa narrativa, a transformação do campo como um lugar que gera desconfiança em um “lar” - expresso aqui como “minha cidadezinha” - é clara. Nos dias de hoje, Nizar fala do campo como sua “Pequena Palestina”:

O campo de Beddawi ou qualquer outro campo palestino é para mim o lugar onde eu me encontro. As pessoas, a vida em geral, os tetos de zinco, tudo me lembra que eu sou palestino, e então que eu devo voltar para a Palestina. Eu penso que os habitantes de Beddawi estão de acordo comigo. Nós amamos o campo, porque aqui é o lugar que nos lembra nosso vilarejo e a Palestina.²⁹

O campo de Beddawi age, assim, como um espaço de identificação. No campo, os refugiados elaboram seu pertencimento à Palestina: foi no distanciamento e na ruptura que os refugiados edificaram sua “identidade-memória”, uma identidade construída através da memória de um lugar ausente. Por outro lado, o campo de Beddawi tornou-se, ele mesmo, fonte de identificação. Essa identificação tem por base o lugar onde os refugiados se encontram no presente e fornece um quadro de projeção para o futuro. À identificação aos vilarejos de origem e, mais tarde, ao Estado-nação palestino, soma-se uma identificação ao campo de refugiados. Essa identificação fica em evidência quando Rawandy, jovem artista de Beddawi, fala da “honra do campo”:

Alguém que trabalha para o bem do campo é alguém que trabalha para a Palestina. É isso, porque, na verdade, é a honra do campo. Tem a reputação do campo. Por exemplo, se alguém diz: “Sim, tem tiros no

²⁸ Narrativa de Ali Souheil citado no artigo « Baddawi : Les premiers temps », *Espoir : le journal de la jeunesse palestinienne*, n. 6, 2002 (Trata-se de uma publicação da Maison de l’Amitié Franco-Palestinienne, MAFFA, associação presente no campo de Beddawi). Tradução nossa.

²⁹ Entrevista com Nizar, campo de Beddawi, abril de 2004.

campo”, eles vão dizer “no campo”. Eles não vão dizer, “[tem tiros] lá no norte [região do Líbano onde se situa o campo de Beddawi], lá eles não vão bem”, não, eles vão dizer “no campo”. [...] Na verdade, essas famílias protegem a honra, a reputação do campo.³⁰

Nesse trecho, Rawandy se refere à maneira com que as grandes famílias palestinas presentes em Beddawi se esforçam para administrar os conflitos que surgem entre os habitantes do campo. É interessante constatar como seu discurso escorrega do campo como uma metonímia da Palestina para o campo como um lugar onde a vida evolui no tempo presente e cuja honra deve ser protegida. Na narrativa de Rawandy, Beddawi aparece claramente como um espaço de ancoramento, pertencimento e identificação.

Localidades e “micro-áreas” ou a apropriação do espaço

Como vimos, o que num primeiro momento aparece como um espaço unitário se compõe por diferentes localidades, cada uma delas tendo sido formada em um momento específico. Em Beddawi, as unidades topográficas mais restritas criam sentimentos de pertencimento. Existe no campo, por exemplo, uma rivalidade entre os jovens moradores do “campo de baixo” – parte mais antiga do campo – e aqueles da “parte de cima”:

São brigas amigáveis, que às vezes podem ficar violentas, mas que acabam rápido. No clube palestino, por exemplo, tem jovens das duas partes do campo e eles fazem piadas sobre isso. Eles dizem: “minha parte do campo é mais bonita”, “nós temos história, nós temos o cemitério”, “as meninas do nosso lado são mais bonitas”...³¹

Na narrativa de Rawandy, o sentimento de pertencimento às diferentes localidades do campo toma forma de brincadeiras entre rapazes. Essas rivalidades são, de fato, manifestações de uma “relação jocosa”, onde uma pessoa “tem permissão, pelos costumes, e em alguns casos a obrigação, de zombar ou fazer graça de outra que, por seu turno, não pode se ofender” (RADCLIFFE-BROWN, 1952: 90). O *al-cam al-tahtāni*, ou “campo de baixo” é mais antigo, mais carregado de história. É ali que se situam o antigo cemitério e o cemitério dos mártires, símbolos do êxodo e dos anos de ativismo político palestino. O *al-cam al-fūqāni*, por outro lado, é menos densamente povoado. Suas ruas são mais largas e o ambiente é menos barulhento. As localidades de Beddawi criam identificações locais, que passam seja pelas características do lugar, seja pelos supostos atributos de

³⁰ Entrevista com Rawandy, Beirute, abril de 2007.

³¹ Entrevista com Rawandy, Paris, 2009.

seus habitantes. As relações jocosas entre os jovens do campo nos falam, assim, de identificações que não concernem nem posições políticas, nem questões econômicas, mas que nascem no seio do campo de refugiados e de sua história.

Os palestinos que chegaram ao Líbano tenderam a se reagrupar de acordo com seu lugar de origem. De fato, foi junto com vilarejos inteiros que eles pegaram a estrada do êxodo. Do mesmo modo, os campos de refugiados se organizaram com base nos antigos agrupamentos de vilarejos e redes de parentesco. De acordo com o jornal *L'Espoir*, redigido por jovens de Beddawi, quando os refugiados se instalaram no campo eles viviam em tendas, divididos por grupos de família ou do mesmo vilarejo.³² Nos dias de hoje, os laços provinciais permanecem ativos em diversos campos palestinos do Líbano; em Beddawi, entretanto, o reagrupamento por vilarejos é pouco pronunciado. O diretor da UNRWA no campo compara a instalação dos palestinos em Beddawi e em *Nahr al-Bared*, onde os refugiados mantiveram mais fortemente o vilarejo como unidade de referência identitária e como princípio de organização espacial:

Em *Nahr al-Bared*, os palestinos de cada vilarejo ficaram no mesmo lugar do campo, onde eles mantiveram os mesmos costumes, nada mudou. Em Beddawi, nós compartilhamos a mesma cultura do norte da Palestina, mas aqui, os palestinos provenientes das cidades e vilarejos se misturaram, eles se imitam uns aos outros. Tem até mesmo pessoas que estão imitando os libaneses. É também porque estamos mais próximos da cidade que *Nahr al-Bared*. Em *Nahr al-Bared*, eles são mais rígidos com as meninas, eles são mais quadrados, eles mantêm os velhos costumes. Mas, há dez anos, isso também está mudando.³³

O fato de os palestinos provenientes das diferentes cidades e vilarejos terem se misturado mais em Beddawi que em outros campos, se deve provavelmente à sua instalação tardia. Como vimos, Beddawi foi criado sete anos depois da *nakba*, seis anos após *Nahr al-Bared*. Os palestinos que se instalaram ali viveram em outros lugares anteriormente, o que teria contribuído com uma certa dispersão. É significativo que os principais reagrupamentos de vilarejos persistentes em Beddawi tenham sido formados previamente, no interior de outros campos do Líbano. São, notadamente, os agrupamentos dos palestinos originários do vilarejo de Samir, *Shafā 'Amr* – como vimos, tratam-se de famílias deslocadas do campo de *Wavel*; dos palestinos originários de *Farādīa*, vindos do antigo campo de *Tel al-*

³² In « Baddawi : Les premiers temps », *Espoir : le journal de la jeunesse palestinienne*, n. 6, 2002.

³³ Entrevista com o diretor da UNRWA no campo de Beddawi, Beddawi, abril de 2008.

-*Zaatar*, que se situava ao nordeste de Beirute; e palestinos originários de *Ghaūārnih*, igualmente deslocados de um campo que não existe mais, o campo de *Nabatieh*, sul do Líbano.

No interior de Beddawi, esses agrupamentos de vilarejo correspondem a “micro-áreas” (ALVITO, 2001): pequenos espaços que constituem referências locais e criam sentimentos de identificação e pertencimento. A propósito da rua de Samir, por exemplo, Nizar afirma: “como a maior parte das pessoas que vive ali vem de *Shafā ‘Amr*, no campo, todo mundo chama essa rua de *Shafā ‘Amr*”.³⁴ Para os habitantes de Beddawi, os palestinos originários de *Shafā ‘Amr* possuem características específicas: várias pessoas os descrevem com sendo extremamente sociáveis e simpáticos.³⁵ Segundo Samir, trata-se da única rua de Beddawi onde praticamente todos os habitantes são originários do mesmo vilarejo: “É o caso em outros campos, como *Burj Shemali*. Mas em Beddawi, somente *Shafā ‘Amr* é organizada em uma rua”.³⁶ Segundo fontes locais, durante os anos de guerra civil, os habitantes de Beddawi haviam decidido que as organizações político-militares palestinas, ou *tanzimāt*,³⁷ seriam responsáveis pela segurança do campo de refugiados. As únicas pessoas que teriam se subtraído desse acordo seriam os palestinos de *Shafā ‘Amr*, que teriam preferido se responsabilizar eles mesmos da segurança de sua “micro-área”. Tal seria ainda o caso nos dias de hoje. Certos habitantes de Beddawi não vêem com bons olhos tamanha autonomia, qualificando os habitantes de *Shafā ‘Amr* de “traidores”. Seu incômodo repousa no argumento segundo o qual o reforço dos laços aldeões mantém uma identidade particular, em detrimento da unidade nacional.

Enquanto o caso de *Shafā ‘Amr* é aquele que expressa melhor a continuidade das relações anteriores ao êxodo em Beddawi, os palestinos originários dos vilarejos *Farāḍīa* e *Ghaūārnih* também se reagruparam no interior do campo. Os primeiros são conhecidos em Beddawi como *muhājirīn*, palavra em árabe para dizer “emigrante”, mas que no campo é utilizada como sinônimo para “expulsos”. Essa designação não se refere a seu vilarejo de

³⁴ Entrevista com Nizar, Beddawi, abril de 2007.

³⁵ Na minha dissertação de mestrado, descrevo o gesto que me permitiu tomar conhecimento da existência desse agrupamento aldeão: “Durante o trabalho de campo, enquanto caminhava pelo campo, percebi duas crianças que brincavam na rua. Fotografei-as e depois ofereci a elas essa imagem. Alguns dias depois, quando passava novamente na mesma rua, um morador do bairro me pediu para esperar, voltando instantes mais tarde com um buquê de rosas, que ele me ofereceu dizendo: ‘Os moradores do nosso vilarejo querem te agradecer com as flores dos nossos jardins’”. (DIAS, 2004, p. 74 e 75).

³⁶ Entrevista com Samir, Beddawi, abril de 2007.

³⁷ O termo *tanzimāt* denomina as organizações que funcionam como partidos dentro do sistema político palestino. Cada organização conserva sua própria autonomia. Elas podem ser classificadas em três categorias: partidárias da Organização para a Liberação da Palestina (OLP); Aliança (coalizão) Nacional Palestina, que é uma aliança pró-Síria; Islamistas (KORTAM, 2008).

origem na Palestina, mas ao campo de onde eles partiram, *Tel el-Zaatar*. Rawandy fala dessa “micro-área” como “um campo no campo”, onde as pessoas escolheram continuar vivendo juntas e são solidárias entre si. Essa micro-área foi apelidada *Hāra Bīt Zīd*, em referência a uma família importante do campo que vive ali. Os palestinos originários de *Ghauārnih*, por sua vez, habitam nos abrigos construídos pela UNRWA na ocasião da destruição do campo de *Nabatieh*. Esses abrigos foram restaurados pela Agência onusiana, que os pintou inteiramente de branco. Com um senso de humor e ironia que coloca em evidência o papel dos Estados Unidos na questão palestina, os jovens moradores do campo apelidaram esse conjunto de casas de “A Casa Branca”.

Pessoas originárias da mesma região ou vilarejo mantêm laços de solidariedade importantes, o que não lhes impede de se integrar à população local. Ao contrário, sua cultura e valores participam da formação de um imaginário local e enriquecem a vida social. Como vimos, segundo o diretor da UNRWA em Beddawi, no campo os palestinos originários de diferentes vilarejos “se imitam uns aos outros”. Eles compartilham suas tradições em torno de ritos matrimônias, por exemplo, efetuando um verdadeiro *melting pot* de tradições do norte da Palestina. Se alguns reagrupamentos por vilarejos dão origem a micro-áreas em Beddawi, outros tipos de identificação e pertencimento podem produzir o mesmo efeito. Podemos citar, por exemplo, o bairro *Jenine*. Essa micro-área de Beddawi homenageia o campo palestino de *Jenine*, atacado pelo exército israelense em abril de 2002. *Jenine* tornou-se um símbolo da luta e da resistência palestina, uma lembrança da capacidade de sacrifício e, para além, de uma superioridade moral face ao adversário:

Os habitantes do campo de Beddawi, apesar da distância geográfica, viveram graças à televisão e à internet o sofrimento dos habitantes de Jenine. Para eles, sua história permanecerá eterna na memória palestina. É por isso que os habitantes de Beddawi nomearam a rua principal “rua de Jenine” e o bairro onde [alguns dentre] eles vivem “bairro de Jenine”. Em consequência, os muros do campo foram decorados com belas pinturas que expressam a resistência dos palestinos, principalmente em Jenine. [...] Os habitantes do campo de Beddawi sentem orgulho dos habitantes de Jenine, sobretudo daqueles que sofreram o martírio. Eles esperam de todo coração que o campo de Jenine seja reconstruído inteiramente e que eles possam imitar os mártires de Jenine com a mesma coragem e resistência.³⁸

³⁸ « Tout s'appelle Jénine », L'Espoir : le journal francophone de la jeunesse palestinienne, n.9, 2002. Tradução nossa.

Em um dos muros do bairro, conhecido como *Hāra Jenine*, Yosof, artista de Beddawi, realizou uma pintura onde um garoto esmaga um helicóptero com as mãos. Segundo Yosof, esse garoto representa o povo palestino. Beddawi possui diversas outras micro-áreas que não são necessariamente tão carregadas simbolicamente quanto o *Hāra Jenine*. Podemos citar, por exemplo, os prédios *Abū Naim*, construídos pela OLP no exterior da grande rua principal que delimita o campo. São dois prédios idênticos, cujas fachadas marrons abrigam dois apartamentos por andar, cada qual ornado por uma pequena varanda. Ali vive a família de Abd e Soraia, que me acolheu durante meus trabalhos de campo em Beddawi. Nessa micro-área, que é conhecida em todo o campo pelo nome dos dois prédios, as relações de vizinhança são intensas. De fato, em Beddawi constatamos facilmente a importância das redes de vizinhança que caracterizam as diversas micro-áreas do campo.

Dentro/ Fora do campo de refugiados

Para além das especificidades das diferentes localidades e micro-áreas, em Beddawi encontramos a oposição binária entre dentro e fora do campo de refugiados. Como vimos, nos dias de hoje, Beddawi constitui um espaço geograficamente circunscrito. As práticas cotidianas dos habitantes locais desmentem, entretanto, uma divisão abrupta entre o interior e o exterior do campo de refugiados. No campo, essa divisão se cerca por um efeito de incerteza, nos impedindo afirmar categoricamente se estamos no seu interior ou no seu exterior.

A maior parte dos campos de refugiados palestinos no Líbano ultrapassou amplamente os terrenos arranjados pela UNRWA - não é sem razão que a Agência onusiana se recusa a fornecer mapas desses espaços. Em Beddawi, esse transbordamento se traduz nas margens que o rodeiam e que formam uma espécie de “periferia do campo”. Os habitantes dessa “periferia” podem afirmar morar no campo ou não, em função das diferentes situações e interlocutores. Uma jovem moradora dos prédios *Abū Naim*, por exemplo, sempre me dizia que não morava no campo. Entretanto, quando falávamos dos palestinos que moram em Trípoli ou Beirute, ela dizia: “porque *nós* que moramos nos campos...”. É verdade que além da extrema proximidade territorial – um quarteirão separa seu prédio da artéria principal que marca os limites estritos de Beddawi – toda a vida social dessa jovem gira em torno do campo: ela frequenta a escola e os serviços oferecidos pela UNRWA, assim como uma associação cultural francesa presente em Beddawi. Sua família extensa, seus amigos e o rapaz de quem ela secretamente deseja tornar-se noiva também vivem no campo.

Considerações práticas: a largura das ruas, o barulho, a segurança, o valor imobiliário

De modo geral, podemos dizer que os habitantes locais consideram uma vantagem viver “mais ao exterior” do campo. Essa constatação resulta, antes de mais nada, de considerações de ordem prática, notadamente a largura das ruas, o ambiente sonoro, o nível de segurança e o preço das habitações. Em Beddawi, quanto mais andamos para o interior, mais as ruas se encolhem, transformando-se em ruelas estreitas. No coração do campo, algumas vias de circulação não possuem mais de um metro de largura. Elas contrastam com as ruas situadas mais no exterior do campo, largas o suficiente para que um automóvel possa passar. É obvio que a largura das ruas exerce uma influência direta no bem-estar de seus habitantes. Quando as ruas são muito estreitas, elas se mostram mais insalubres e mal iluminadas. A proximidade entre vizinhos também cria uma intimidade forçada que pode incomodar.

O distúrbio sonoro é um fator que entra diretamente em relação com a alta densidade demográfica das zonas onde predominam pequenas ruas. Tomemos o exemplo de Burhân. Em 2005, o artista deixou o ateliê que alugava em uma rua larga, situada ao exterior da rua principal de Beddawi. Ele instalou então seus quadros em sua antiga casa, que se situa no coração do *al-cam al-tahtâni*, a parte mais antiga de Beddawi. Seu ateliê se encontra, assim, no meio de uma imbricação de ruelas que, aos olhos de um estrangeiro, tomam o aspecto de um labirinto.

Eu deixei o ateliê em 2005. Eu coloquei meus quadros na casa. Eu não desenhei mais... até agora, eu só pintei um quadro. É o quadro de um garotinho, que sua família queria ter. É porque o bairro aqui é muito barulhento. Tem muitas crianças pequenas que querem brincar. Onde eles vão brincar? Eles vão brincar na rua, na frente do ateliê. Então, tem muitas perturbações. Quando tem barulho, não se pode pintar [...]. Eu tenho muitas ideias e eu sinto que preciso desenhá-las. Mas quando começo a desenhar – o barulho no bairro – não consigo mais me concentrar para desenhar. As crianças querem brincar e é um direito delas. De uma hora da tarde até as sete horas da noite, elas gritam no bairro. Como então você pode se concentrar?³⁹

O interior do campo de refugiados também é percebido como sendo mais perigoso que suas áreas limítrofes, como ilustra a narrativa de Nizar:

³⁹ Entrevista com Burhân, Beddawi, abril de 2004.

A propósito das coisas más no campo, tem, por exemplo, as pessoas que atiram quando acontece alguma coisa importante, ou quando alguém se casa e seu irmão vai celebrar, bumbumbum ou... dois caras brigam e eles podem apontar suas armas e atirar um no outro, então... e tem também essa questão social que eu não gosto, por exemplo, você sabe que têm homens maus aqui [...] por exemplo, essa manhã, Amanda, eu pedi que você usasse o keffieh, que você cobrisse os ombros... porque se você anda no campo, talvez esses caras não vão se contentar em te olhar, eles vão falar alguma coisa, alguma coisa má, e eu vou querer matá-los, porque eles estão falando de você. Então, é ruim para mim. [...] Eu conheço um cara aqui que disse uma coisa ruim sobre sua própria irmã sem se dar conta! Então, ela tem vergonha e tudo. Não têm muitas pessoas assim aqui, mas nós temos pessoas que são assim.⁴⁰

Nizar se refere a dois problemas distintos. Primeiro, ele evoca o uso de armas de fogo no interior do campo, no contexto de rixas ou ainda de celebrações, que podem ser políticas, durante a comemoração de algum evento importante para os palestinos, como a *nakba*,⁴¹ ou pessoais. É de praxe, não apenas no campo mas em todo o Líbano, dar tiros para cima para festejar uniões matrimoniais. Em Beddawi, não é raro as pessoas evocarem essa razão para dizer que não gostariam de viver no coração do campo. Nos campos do Líbano há um uso das armas de fogo que não se observa na cidade. Além das celebrações, os tiros podem emanar de disputas entre membros de diferentes *tanzimāt*, de acertos de contas ou de situações mais peculiares. Durante uma estadia em Beddawi, por exemplo, assisti à uma cena em que um senhor palestino, que não estava satisfeito com os serviços de saúde oferecidos pela UNRWA, entrou em uma clínica da Agência e começou a atirar. Esse tipo de coisa é mais susceptível de acontecer no interior do campo – onde há diversos clubes, comércios, associações, escritórios políticos, etc. – do que nas ruas situadas mais ao seu exterior, essencialmente residenciais.

A segunda questão evocada por Nizar está diretamente relacionada àquela que constitui o principal problema dos jovens refugiados: o alto nível de desemprego. Aqui, o desemprego não deve ser abordado de acordo com as dificuldades econômicas que ele cria, mas a partir da forma com que ele afeta os jovens e, por conseguinte, os problemas que os últimos são susceptíveis de criar no campo. Uma caminhada rápida pelo campo é suficiente para se dar conta do quê Nizar fala. Diversos jovens ocupam, ao longo do dia, as ruas de Beddawi. Em pequenos grupos de amigos,

⁴⁰ Entrevista com Nizar, Tripoli, abril de 2007.

⁴¹ Esse termo, que significa catástrofe, se refere à perda do território e ao início da vida no exílio, em 1948. Trata-se da principal data comemorativa palestina.

eles ficam sentados ou em pé nas calçadas das principais ruas do campo. Às vezes, fumam narguilé e tomam café. Também se reúnem para papear na porta dos cyber cafés. Esses jovens também se ocupam observando e fazendo comentários desagradáveis a respeito das jovens mulheres que passam pelas ruas do campo (porque, ao contrário dos rapazes, as moças se servem do espaço público de Beddawi essencialmente como um lugar de passagem, que ocupam rapidamente ao se deslocarem de um lugar ao outro). Isso pode, de fato, criar problemas, sobretudo quando a honra de um pai, irmão ou marido entra em jogo. Como escreve Hamit Bozarslan, “a noção de honra interfere de diversas formas na explicação da violência. Ela é quase constantemente associada a um grupo” (BOZARSLAN, 2005, p. 74). Em Beddawi, a noção de honra se encontra na origem de atos de violência isolados, disputas mais ou menos graves entre pais, irmãos e maridos que buscam defender a honra das mulheres de suas famílias. Pois no campo, não somente a mulher pode perder sua honra – ao ser, por exemplo, criticada pela maneira como se veste - como ela pode levar à perda da honra do homem – o que fica claro na narrativa de Nizar.

Essas considerações de ordem prática a respeito da vida no centro ou mais ao exterior do campo de refugiados se refletem no preço das suas habitações. Segundo o diretor da UNRWA em Beddawi, as casas situadas nas extensões do campo (que a Agência intitula “*adjacent areas*”) podem custar mais que o dobro daquelas situadas no seu interior : “Chamamos essa região ‘Montanha de Beddawi [*Jabal Beddawi*]. São casas particulares, que são do mesmo nível que as casas de Beddawi. Mas enquanto uma casa no campo de Beddawi custa aproximadamente 20.000, uma casa no *Jabal Beddawi* custa entre 30.000 e 50.000 dólares americanos”.⁴²

O *Jabal Beddawi* se situa em uma grande rua logo após um dos check-points do campo. Ele constitui, por assim dizer, a “periferia chique” de Beddawi. O diretor da UNRWA no campo estima que “mais da metade de seus habitantes são refugiados palestinos”. Habitar nessa região significa possuir um status socio-econômico elevado em relação aos habitantes do interior do campo. De fato, a população do campo não é homogênea. As diferenças do poder aquisitivo dos habitantes de Beddawi se traduzem geograficamente: habitar próximo ao centro ou mais ao exterior do campo age como um indicador da condição socioeconômica de cada um. Quanto mais nas bordas do campo se mora, mais se afasta da imagem de pobreza que normalmente é associada ao refugiado.

⁴² Entrevista com o diretor da UNRWA no campo de Beddawi, Beddawi, abril de 2008.

Considerações simbólicas: ser um refugiado palestino

No Líbano, ser refugiado e habitar em um campo pode apresentar significações positivas. Antes de serem espaços de pobreza, os campos de refugiados são espaços políticos. Durante longos anos, a OLP, assim como os próprios refugiados, insistiram na função política dos campos, não apenas como base da resistência palestina durante o período de ativismo político (que findou com a expulsão da OLP do Líbano em 1982), mas também como reservatórios da memória palestina. Ao longo das décadas, os campos assumiram a função de lembrar de forma contínua e tangível a não resolução do conflito israelo-palestino e o “direito de retorno” dos refugiados. Seria errôneo afirmar que nos dias de hoje os campos palestinos foram esvaziados de seu aspecto político. Assim, se por um lado sair do campo equivale à aquisição de um status social que para alguns é motivo de orgulho, por outro, habitar um campo de refugiados pode tomar a significação de um ato de reivindicação identitária e política, que poderá ser interpretado como uma forma de resistência ao passar do tempo, ao desaparecimento da questão palestina.

Em geral, a ideia segundo a qual os palestinos que moram em um campo de refugiados estão mais próximos de um ideal de palestinidade que os outros é vigente. Essa ideia, frequente entre os intelectuais de Beddawi, torna-se explícita no discurso de Rawandy, nascido na cidade libanesa vizinha e criado no interior do campo:

Eu nasci em Trípoli, eu nunca vi a Palestina, mas eu sei que sou palestino. Eu gosto do Líbano. Quando teve a guerra [“guerra de 33 dias”, 2006], eu fiquei louco... sim, fiquei louco, porque eu gosto do Líbano, é meu país, é realmente meu país, eu nasci no Líbano. Está vendo? Então, o que acontece é que os palestinos que não moram nos campos, eles esqueceram que são palestinos. [...] Se eles vão fazer alguma coisa no governo, eles vão mostrar a carteira de identidade palestina e dizer “ah é, eu sou palestino”. Mas eles falam com o sotaque libanês. Por que? Não é porque não gostam da Palestina.. mas eles nasceram no Líbano, eles estão sempre com os libaneses, eles vão à escola libanesa. Então, eles esqueceram. Aqui, no campo, é diferente...⁴³

Essa entrevista foi realizada alguns meses após a chamada “guerra de 33 dias”, à qual Rawandy se refere. Duas semanas mais tarde, os afrontamentos entre o exército libanês e os islamistas do *Fatah al-Islam* começaram, conduzindo à destruição do campo de *Nahr el-Bared*. Quando voltei à Beddawi depois desse episódio, em abril de 2008, a primeira coisa que Rawandy me

⁴³ Entrevista com Rawandy, Beirute, maio de 2007.

disse foi: “Lembra que eu havia dito que gosto do Líbano? Pode apagar isso do seu trabalho. Eu detesto o Líbano”.

A relação de Rawandy com o “País dos Cedros” não é simples. Ela nos revela a complexidade da situação identitária dos palestinos nascidos fora de sua terra de origem e que, no entanto, não foram integrados ao seu país de acolhimento. Nesse caso, ao afirmar que o Líbano era seu país - apesar de não possuir a nacionalidade libanesa, Rawandy procurava, sobretudo, demonstrar que o distanciamento do campo de refugiados pode levar palestinos que, à sua imagem, se identificam ao país de acolhimento, a esquecerem sua identidade palestina.⁴⁴

Habitar a periferia do campo: um compromisso entre considerações práticas e simbólicas

Os intelectuais de Beddawi buscam um meio-termo entre o militantismo e a necessidade de um cotidiano minimamente confortável. Pesando as considerações de ordem prática e simbólica do habitar no campo de refugiados, eles almejam um intermediário entre as considerações do habitar dentro e fora do campo: habitar na periferia do campo. A narrativa de Nizar ilustra claramente a busca desse equilíbrio :

Meu ateliê deverá ser no campo, eu preciso começar minhas pinturas sempre à partir do campo, todos os detalhes estão no campo. Em tudo o que desenho, em cada trabalho, tudo o que faço, eu pego o material, os detalhes, no campo. [...] Porque estou sempre falando de mim mesmo, enquanto palestino, enquanto ser humano, enquanto um homem árabe... [...] Tudo na minha vida começou aqui. Nossa amizade começou aqui. E você sabe por que? Porque você veio fazer algo sobre os palestinos. [...] Eu tenho certeza que o que eu amo no meu coração está no campo. [...] Eu quero viver no exterior do campo, mas perto do campo, e quero que meus filhos cresçam da mesma maneira que eu. Daqui a dez anos, eu quero que eles cresçam no exterior do campo, tudo bem, mas quero que venham ao campo todos os dias. Quando for dormir, quando chegar em casa, quando sair para trabalhar, eu não quero me preocupar com meus filhos, eu não quero ficar com medo de que alguém na rua perto da minha casa faça alguma coisa às três horas da manhã... isso acontece. Eu não quero ter problemas com pessoas que atiram... Por exemplo,

⁴⁴ Alguns pesquisadores, dentre eles Sari Hanafi, se opõem à essa ideia. Esse autor defende que “contrariamente à ideia difundida que apóia que a presença dos campos é um fator determinante da manutenção da identidade nacional dos refugiados no país de acolhimento [...] a relação entre a identidade nacional e a modalidade de instalação é muito fraca”. (HANAFI, 2006, p. 76). Tradução nossa. Constatamos, entretanto, que os intelectuais de Beddawi sentem que, se afastando do campo, eles se afastariam de sua própria identidade.

talvez há uns três anos, eu não sei muito bem o que aconteceu e se foi à respeito da situação na Palestina, mas tinham pessoas que brigavam. De toda forma, não é correto utilizar armas. Então, eles mataram uma menininha. Eu me aproximei para ver o que tinha acontecido e ela estava no chão, ao lado da minha casa.⁴⁵

Como Nizar, Rawandy afirma que gostaria de viver ao lado do campo: “para que meus filhos vejam onde cresci”. Às razões evocadas pelo pintor para não querer se mudar para a cidade, Rawandy soma outra, a vontade de trabalhar com os habitantes do campo: “é lá que eu posso ajudar, que eu devo ajudar. É lá que eles precisam de mim”.⁴⁶ Em Beddawi, os intelectuais das margens manifestam, como Rawandy, o desejo de trabalhar junto à população refugiada, que mora no interior do campo e nas suas periferias. Eles experimentam o dilema de não querer viver no interior do campo e, ao mesmo tempo, querer trabalhar ali. Eles afirmam que seus futuros filhos deverão viver à proximidade do campo, pois querem transmitir a identidade palestina às futuras gerações e estimam que frequentar o campo de refugiados é a melhor maneira de fazê-lo.

Orgulhosos de suas origens, os intelectuais das margens não têm a intenção de se des-solidarizar do destino dos habitantes do campo. Ao contrário, esperam continuar trabalhando ali para melhorar as condições de vida locais. Esse não é o caso da população de Beddawi em geral. Segundo os próprios intelectuais do campo, a maior parte dos habitantes dos campos deixaria esses enclaves urbanos caso a oportunidade de fazê-lo se apresentasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame de Beddawi a partir de sua composição por localidades, além de nos esclarecer sobre a formação do campo, nos informa sobre os processos de identificação que se desenvolvem no seu interior. Enquanto essa constatação soa como uma evidência no que concerne outros espaços, ela invalida toda aproximação do campo de refugiados como um espaço congelado no tempo. A aproximação do campo como um conjunto de micro-áreas também coloca em cena o fato de que os campos de refugiados possuem uma história. Aqui está outra afirmação que parece evidente, mas que desmonta uma concepção usualmente adotada quando nos referimos aos campos de refugiados: como nota Michel Agier, “admitimos facilmente que os refugiados falem de seu país de origem ao qual eles esperam retornar, mas não da história do campo onde eles vivem há quinze ou trinta anos

⁴⁵ Entrevista com Nizar, Trípoli, abril de 2007. Notemos que a garota da qual Nizar fala foi vítima de uma bala perdida.

⁴⁶ Entrevista com Rawandy, Beirute, abril de 2007.

aguardando o retorno” (AGIER, 2008, p. 116). Como o exame da evolução do campo de Beddawi demonstra, o campo de refugiados possui sua própria história; uma história que, apesar de estar em continuidade com o conflito que o originou, não se resume a ele.

Abordar o campo de Beddawi como um conjunto de micro-áreas nos lembra que não somente os palestinos possuem uma história enquanto povo, mas também que os campos possuem uma história que vai além de sua função política. Tal afirmação não implica que os refugiados que vivem nos campos abandonam a luta nacional, nem que os campos não preenchem, pela sua própria existência, uma função de lembrança da não resolução do conflito israelo-palestino. Na realidade, os exemplos das micro-áreas de Beddawi que evocamos indicam a co-existência de diversas identificações no seu interior. A “rua *Shafā ‘Amr*” testemunha da persistência dos laços anteriores ao êxodo, ao passo que a designação dos palestinos originários de *Farāḍīa* como *mouhajareen* se refere à sua história no Líbano. A designação das casas dos palestinos originários de *Ghaūārniḥ* como “A Casa Branca”, por sua vez, se refere a uma história palestina que se desenrola em uma escala ainda mais local, a do campo – porque esses abrigos reabilitados pela UNRWA fazem parte da história do campo, de onde eles se tornaram um ponto de referência (notemos, porém, que esse local também é global, como o próprio nome indica). Enfim, o bairro Jenine está ali para nos lembrar que a criação dos pertencimentos locais não teve por efeito excluir o sentimento de identificação à Palestina. Ele serve como testemunha do fato de que esse sentimento não se ancora exclusivamente no passado, mas se recria ao fio dos eventos atuais.

A análise do habitar dentro e fora do campo demonstra, por sua vez, que um mesmo indivíduo pode considerar morar em um campo de refugiados como um ato de militância política e ao mesmo tempo desejar se mudar para o exterior do campo, de modo a proporcionar maior conforto e segurança à sua família, sem que ambas as motivações sejam contraditórias. Afinal, como explica Paul Veyne, “nosso espírito não entra em suplício quando, parecendo se contradizer, muda subitamente de programa de verdade e de interesse, como ele faz sem cessar; não se trata de ideologia: é nossa maneira mais habitual” (VEYNE, 1983, p. 96).

Os campos de refugiados palestinos são paradigmáticos, na medida em que a longa duração do exílio não apagou os traços da identidade palestina que se criou no próprio interior desses espaços. É nesse sentido que eles colocam um problema àqueles que vêem na perenização dos campos de refugiados a simples formação de um bairro. A problemática se mostra ainda mais complexa ao falarmos dos campos palestinos no Líbano. Em geral, os refugiados se en-

confrontados aos problemas particulares ligados à diáspora palestina. No Líbano, a questão se agrava, uma vez que o país não parece pronto a aceitar que os campos palestinos tornem-se algo mais do que espaços em margens. O acesso limitado ao mundo do trabalho, à educação, aos serviços sociais e à mobilidade representa para os palestinos dificuldades diretamente ligadas à sua sobrevivência e seu cotidiano. Como escreve Kamel Dorai, os campos “são a expressão própria da geografia palestina do exílio porque eles lembram o status de refugiados palestinos, porque eles são os lugares de expressão e de recomposição da sua identidade e porque eles traduzem as pressões exercidas pelos seus países de acolhimento” (DORAI, 2006a, p. 13).

Nos dedicamos ao exame da formação do campo de Beddawi e sua transformação em “pequena cidade” de seus habitantes. Entretanto, essa transformação encontra seus limites no fato de que, mais de sessenta anos após sua chegada ao Líbano - e independente da ausência de qualquer perspectiva concreta de um retorno à Palestina - os palestinos são constantemente lembrados da inconveniência de sua estadia no país.⁴⁷ A vulnerabilidade da condição dos palestinos impede, assim, que os campos de refugiados se transformem efetivamente em seus “lares”, no sentido forte do termo. Em 2007, isso ficou evidente com a destruição do campo de refugiados vizinho de Beddawi, *Nahr el-Bared*. Ao longo das décadas, esse campo havia se tornado um importante centro comercial no norte do Líbano. Maior do que Beddawi, ele abrigava mais de 35.000 pessoas e era conhecido pelo dinamismo dos seus habitantes. Entre maio e setembro de 2007, *Nahr el-Bared* foi o palco das lutas entre o exército libanês e o grupo islamista *Fatah al-Islam* (pequeno grupo de ideologia próxima à *Al-Qaeda*, composto por membros de diversas nacionalidades, que havia se instalado no campo atraído pela ausência de autoridades libanesas). Os afrontamentos foram os mais mortíferos que o Líbano conheceu desde o fim da guerra civil em 1990.⁴⁸ Para os habitantes do campo, entretanto, as consequências dos combates não se limitaram à contagem dos mortos e feridos. Ao final do conflito, seu espaço de vida havia sido completamente destruído: praticamente todos os prédios do campo foram demolidos, deixando mais de 700.000m³ de escombros

⁴⁷ Uma das últimas autoridades libanesas a lembrar-lhes disso foi o Grande Mufti do Líbano, Sheikh Mohammed Rashid Qabbani que, em uma reunião com os representantes dos refugiados palestinos, declarou: “nós os acolhemos e não queremos mais vocês. [...] Vocês são lixo!”, para em seguida expulsá-los de seu escritório. Esse episódio foi me narrado com intensa indignação por uma palestina habitante do campo de Beddawi, poucos dias depois do ocorrido. Outras fontes: Judith Levy, “Mufti of Lebanon calls palestinian refugees “trash”, 19/06/2011: <http://ricochet.com>; Khaled Abu Toameh, “Palestinians no longer welcome, says Lebanese Mufti”, Jerusalem Post, 16/06/11: <http://www.jpost.com/MiddleEast>.

⁴⁸ De acordo com os dados oficiais, a batalha causou mais de 400 mortos, entre eles 163 soldados e 222 ativistas do Fatah al-Islam. Esses dados foram revelados, no dia 4 de setembro, pelo ministro da defesa libanês, Elias al-Murr. 47 civis também foram assassinados durante o conflito, segundo um documento interno da UNRWA: Nahr el-Bared Palestine Refugee Camp. UNRWA Relief, Recovery and Reconstruction Framework 2008-2011, maio de 2008.

a serem removidos.⁴⁹ Os refugiados ficaram traumatizados pelo conflito e pela destruição do campo, assim como pela perspectiva de vários anos de deslocamento. Incapazes de atribuir um sentido ao que lhes acontecera, os antigos habitantes de *Nahr el-Bared* evitavam mergulhar no desespero repetindo, num misto de resignação e determinismo: “é o nosso destino”. Quando consultados sobre a eventual reconstrução do campo, eles pediram aos funcionários da UNRWA que cada beco, cada esquina do campo fossem reconstruídos exatamente como eram. 60 anos mais tarde, esses becos e esquinas haviam sido embebidos de significado e há muito haviam deixado de ser apenas becos e esquinas...

Os moradores de *Nahr el-Bared* passaram a se referir ao evento como uma segunda *nakba*, em uma indicação clara de que o campo havia se transformado, para eles, em um lar, tal qual a Palestina o tinha sido para seus pais, avós e bisavós. A destruição desse campo trouxe à tona, mais uma vez, a ambivalência da condição dos refugiados palestinos no Líbano. As inúmeras maneiras de investir o espaço do campo que haviam desenvolvido ao longo de seis décadas, as diversas “maneiras de fazer” (DE CERTEAU, 1980) e estratégias de sobrevivência que haviam criado para prosperar em um país onde os direitos mais básicos lhes são negados, não foram suficientes para evitar que a habitação de mais de 35.000 pessoas fosse completamente destruída no curto período de três meses. Como se ancorar num espaço cuja fragilidade é evidente? E como não se identificar a esse espaço, num contexto onde o retorno à Palestina, o lar supremo, parece inviável? Tal é a especificidade, e o drama, da condição dos refugiados palestinos no Líbano e seus “campos-cidades” (AGIER, 2001).

ABSTRACT

The dichotomies “provisory vs. permanent”, “refugee camp vs. city”, “political resistance vs. the need of a daily existence that is minimally comfortable” are part of the condition of Palestinian refugees in Lebanon. If the Palestinian refugee camps cannot be understood as simple impoverished areas of the city, they cannot either be apprehended as islands of palestinianity, isolated from the society and detached from their urban environment. Through an analysis of the daily life within the Palestinian refugee camp of Beddawi, situated at Northern Lebanon, we will exam how the registers of political activism and urban conviviality coexist.

KEYWORDS: to inhabit, Palestinian refugee camps, Palestinian national cause, intellectuals of the margins, spaces at the margins.

⁴⁹ UNRWA, Brief update on Nahr el-Bared Camp, 29 de fevereiro de 2008. Documento interno.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Aux bords du monde, les réfugiés*. Paris : Flammarion, 2002.
- . *Gérer les indésirables. Des camps de réfugiés au gouvernement humanitaire*. Paris : Flammarion, 2008.
- . De nouvelles villes : les camps de réfugiés. *Annales de la recherche urbaine*, n.91, p. 129-136, 2001.
- . Les camps aujourd'hui, un présent qui n'en finit pas. In *Habiter, le propre de l'humain/ sob a dir. de T. Paquot, M. Lussault e C. Younès*. Paris : La Découverte, p.89-101, 2007.
- . Quel temps aujourd'hui en ces lieux incertains ?. *L'Homme*, n. 185-186, p. 105-120, 2008.
- BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Louïc, *An invitation to reflexive sociology*. Chicago : Univ. of Chicago Press, 1992.
- BOZARSLAN Hamit. *100 mots pour dire la violence dans le monde musulman*. Paris : Maisonneuve et Larose, 2005.
- BREVIGLIERI, Marc, PATTARONI, Luca. Le souci de propriété. Vie privée et déclin du militantisme dans un squat genevois. n *La société des voisins/ sob a dir. de Haumont et A. Morel*. Paris : MSH, p. 275-289, 2004.
- BSEISO, Hiyam. *La famille palestinienne dans les camps palestiniens au Liban 1948-1970*. Paris : Université de Paris VII, tese de doutorado (dir. Robert Jaulin), 1988-1989.
- DAS, Veena, POOLE, Deborah (eds.). *Anthropology in the Margins of the State*. New Delhi: Oxford University Press, 2004.
- DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien, t. 1 : Arts de faire*. Paris : Gallimard, 1990 [1980].
- DIAS, Amanda S. A. *Du moukhayyam à la favela. Une etude comparative entre un camp de réfugiés palestiniens au Liban et une favela carioca*. Tese de doutorado apresentada ao departamento de sociologia da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), Paris, 2009.
- . Peintres de Beddawi, entre création artistique et engagement politique. In *Itinéraires Esthétiques e Scènes Culturelles au Proche-Orient/ sob a dir. de N. Puig, F. Mermier*. Beyrouth : IFPO, p. 249-270, 2007a. <http://ifpo.revues.org/567>
- . Histoires peintes. Des artistes au camp de Beddawi. *Cultures & Conflits*, n. 68, p.149-164, 2007b. <http://conflits.revues.org/index6953.html>
- . Shahid, a nova figura da luta nacional palestina. *Religião e Sociedade*, v. 26, n.2, p. 81-102, 2006.

- *Peintres de Beddawi*. Dissertação de Mestrado (Mémoire de DEA). Paris : EHESS, 2004. <http://www.reseau-terra.eu/article979.html>
- DORAÏ, Mohamed Kamel. *Les réfugiés palestiniens du Liban. Une géographie de l'exil*. Paris : CNRS Editions, 2006a.
- Le camp de réfugiés palestiniens d'Al Buss à Tyr : ségrégation et précarité d'une installation durable. *Bulletin de l'association de géographes français : Géographies*, v. 83, n. 1, p. 93-104, 2006b.
- HANAÏ, Sari. Vivre dans le camp, vivre ailleurs. Les Palestiniens réfugiés en Egypte et dans les Territoires palestiniens. *Bulletin de l'association de géographes français : Géographies*, v. 83, n. 1, p. 76-92, 2006.
- KODMANI-DARWISH, Bassma. *La diaspora palestinienne*. Paris : PUF, 1997.
- KORTAM, Manal. Le rôle des acteurs locaux dans le processus d'incorporation des Palestiniens au Liban, *REVUE Asylon(s)*, N°5, set. 2008. Url de referència: <http://www.reseau-terra.eu/article807.html>
- MEIER, Daniel. La transition libanaise dans le rétroviseur de la question palestinienne. *Maghreb-Machrek*, n.192, p. 41-60, 2007.
- MONCLOS, Marc Antoine Pérouse de, KAGWANJA, Peter Mwangi. Refugee Camps or Cities ? The Socio-economic Dynamics of the Dadaab and Kakuma Camps in Northern Kenya. *Journal of Refugee Studies*, v. 13, n. 2, p. 205-222, 2000.
- PICAUDOU, Nadine. Identité-mémoire et construction nationale palestinienne. *Les Annales de l'Islam*, n.8, p. 339-361, 2001.
- PIPES, Daniel. *The Hidden Hand – Middle East Fears of Conspiracy*. New York : St. Martin's Griffin, 1996.
- PUIG, Nicolas. Les petites musiques du domestique. A propos de pratiques musicales de palestiniens du Liban. In : COLÓQUIO L'URBANITÉ DES MARGES. MIGRANTS, RÉFUGIÉS ET RELÉGUÉS DANS LES VILLES DU PROCHE ORIENT. Damasco : IFPO/CNRS/IRD, 2008.
- SAYIGH, Rosemary. *From Peasants to Revolutionaries*. Londres : Zed Books, 1979.
- SFEIR, Jihane. *L'exil palestinien au Liban. Le temps des origines (1947-1952)*. Paris/Beyrouth : Karthala/IFPO, 2008.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. *Structure and fonction in primitive society*. London : Cohen and West, 1952.
- ROUGIER, Bernard. Fatah al-Islam : un réseau jihadiste au cœur des contradictions libanaises. In *Etudes de la documentation française, Afrique du Nord – Moyen Orient 2007-2008*/ sob a dir. de F. Charillon e B. Rougier, p. 73-101, 2007.
- Le "destin mêlé" des Palestiniens et des Libanais au Liban. *Maghreb-Machrek*, n.169, p.43-54, 2000.